

PLANO PROPOSTO
PARA A MELHORIA
DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Plano Proposto para a Melhoria da Educação Pública

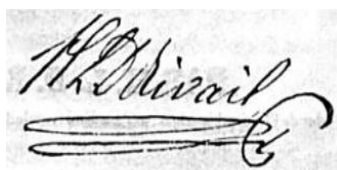
Por H.- L.- D. RIVAIL

Discípulo de Pestalozzi, diretor de escola da Academia de Paris, membro de diversas sociedades científicas.

Os meios próprios para se educar a juventude são uma ciência bem distinta que se deveria estudar para ser educador, como se estuda a medicina para ser médico.

Paris
Dentu, Livraria, no Palais Royal
1828

E com o autor, Rue de Vaugirard, nº 65

A handwritten signature in cursive script, reading "H. L. D. Rivail", with a decorative flourish underneath.

Todo mundo fala da importância da educação, mas, para a maioria, esta palavra tem um significado extremamente vago, porque poucas pessoas chegaram a fazer uma idéia precisa de tudo o que ela abarca. Vê-se-a geralmente apenas no sistema de estudos e este erro é uma das principais causas do pouco progresso que ela realizou. Uma outra causa desse atraso prende-se a um preconceito geralmente aceito contra tudo o que se liga a esta profissão, o que afasta grande número de homens que, por seu mérito, poderiam contribuir para o seu progresso.

A educação é a arte de formar os homens, isto é, a arte de fazer eclodir neles os germes da virtude e abafar os do vício; de desenvolver sua inteligência e de lhes dar instrução própria às suas necessidades; enfim de formar o corpo e de lhe dar força e saúde. Numa palavra, a meta da educação consiste no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais. Eis o que todos repetem, mas o que não se pratica. É preciso procurar a causa primeira disso na ignorância em que se está sobre os meios próprios a se operar esse desenvolvimento. Tornar-se-á um homem médico ensinando-lhe que ele deve curar seus doentes? Assim, pode alguém se gabar de estar apto a formar os homens, se sabe apenas que se trata de formar o coração, o espírito e o corpo e ignora os meios de alcançar isso? Nisso, como em todas as outras coisas, não basta conhecer o objetivo a ser atingido, é preciso ainda conhecer perfeitamente o caminho que se deve percorrer. O sistema atual pode nos conduzir até lá? Quais são os obstáculos que se opõem a isso? Quais são os meios de remediá-los? Tais são as três questões de que vou tratar sucintamente, procurando demonstrar que a relação entre os três elementos constitutivos da Educação é tão íntima que não se pode esperar verdadeiros progressos nesse mister, que quando se tiver compreendido a necessidade de se fazê-los andar perfeitamente ao mesmo tempo. Creio dever apresentar de início algumas observações sobre o conjunto da educação, a fim de melhor fazer compreender a necessidade das medidas que proponho adotar e que desenvolverei logo adiante.

A fonte das qualidades morais se acha nas impressões que a criança recebe desde o seu nascimento, talvez mesmo antes, e que podem agir com mais ou menos energia sobre o seu espírito, para o bem ou para o mal. Tudo o que ela vê, tudo o que ela ouve, a faz experimentar

impressões. Ora, assim como a educação intelectual consiste na soma das idéias adquiridas, a educação moral é o resultado de todas as impressões recebidas. Cada objeto, que a criança vê, lhe dá uma idéia, e cada palavra, que ela escuta ou cada ação de que ela é objeto ou testemunha, a faz experimentar uma impressão; a mesma impressão, mantida durante um certo tempo e freqüentemente repetida, fá-la contrair um hábito. Ora, como se sabe, o hábito é uma segunda natureza que nos leva, malgrado nosso, a fazer uma coisa, o mais freqüentemente sem que nossa vontade participe disso; daí as chamadas inclinações, que são apenas hábitos inveterados, quando não estejam ligadas ao nosso temperamento, como a cólera, a vivacidade, a lentidão e outras tendências desta natureza. Ninguém duvida da influência de certos hábitos sobre a constituição animal: tais são aqueles que os fazem contrair movimentos involuntários ou posturas de que não se podem livrar. Estes hábitos acabam por se tornar indestrutíveis, porque os órgãos adquiriram uma certa firmeza na posição que se lhes deixou tomar e se tornaram verdadeiramente endurecidos. Se todos os hábitos não têm efeitos exteriores tão perceptíveis como esses, eles não têm menor efeito interno e dão a um indivíduo um tal ou qual impulso, por assim dizer involuntário, ao qual ele não pode resistir, e que se manifesta para fora por palavras e por ações.

Há hábitos de três naturezas diferentes: são eles físicos, intelectuais ou morais. Os primeiros são os que modificam mais particularmente nossa constituição animal; os segundos consistem na posse mais ou menos perfeita de uma ciência. Assim, por exemplo, aquele que está muito familiarizado com uma língua, a fala sem esforço e sem pensar; aquele que possui perfeitamente a matemática, faz seus cálculos sem dificuldades: é isto que se pode chamar ter o hábito de uma ciência; e diga-se de passagem, é a aquisição do hábito, que se negligencia, no método comum; limita-se geralmente a uma teoria muito fugidia, que apenas roça o espírito. Por fim, os hábitos morais são aqueles que nos levam, mal-grado nosso, a fazer qualquer coisa de bom ou de mau. A fonte desses últimos hábitos se acha, dissemos nós, nas impressões longamente ressentidas ou percebidas na infância. Concebe-se, assim, o quanto importa evitar cuidadosamente tudo o que possa fazer a criança

experimental impressões perigosas; mas não encaro apenas como más impressões, o exemplo do vício, os maus conselhos ou as conversações pouco adequadas; ninguém duvida dos funestos efeitos de semelhantes modelos e não há mãe de família que não coloque todos os seus cuidados em evitá-los; mas há um grande número de outras, minúcias em aparência, e que não deixam de exercer uma influência freqüentemente mais perniciosa que o feio espetáculo do vício, de que se pode mesmo às vezes tirar partido para se fazer conceber o seu horror; quero sobretudo falar daquelas que a criança recebe diretamente nas suas relações com as pessoas que a cercam, que, sem lhe dar nem maus exemplos nem maus conselhos, dão porém nascimento a vícios muito graves, como os pais, por sua fraqueza ou os mestres por uma rigidez mal entendida ou quando se toma pouco cuidado em apropriar a sua conduta ao caráter da criança quando se cede, por exemplo, às suas importunações, quando se tolera seus defeitos sob vãos pretextos, quando se submete aos seus caprichos, quando se lhe deixa perceber que se é vítima de suas artimanhas, quando não se sabe o móvel que a faz agir, e que assim se toma defeitos ou germes de vícios por qualidades, o que acontece freqüentemente aos pais; quando não se leva em consideração as circunstâncias sutis que podem modificar tal ou qual ação da criança, quando sobretudo não se leva em conta as nuances de caráter, faz-se que ela experimente impressões que são freqüentemente a fonte de vícios muito graves. Um sorriso, quando seria preciso ser sério; uma fraqueza quando seria preciso ser firme; a severidade quando seria preciso a doçura; uma palavra sem pensar, um nada, enfim, bastam às vezes para produzir uma impressão indelével e para fazer germinar um vício. Que se passará então quando essas impressões forem ressentidas desde o berço, e freqüentemente durante toda a infância? Nesse aspecto, o sistema de punições é uma das partes mais importantes a serem consideradas na educação; pois elas são comumente a fonte da maior parte de defeitos e vícios. Freqüentemente muito severas ou infligidas com parcialidade e num momento de mau humor, elas irritam as crianças em vez de convencê-las. Quantas artimanhas, quantos meios de desvio, quantas fraudes não empregam elas para as evitar! É assim que se joga nelas as sementes da má fé e da hipocrisia e este é muitas vezes o único resultado que se obtém. A criança

irritada, e não persuadida, se submete somente à força; nada lhe prova que ela agiu mal; ela sabe apenas que não agiu conforme a vontade do mestre; e esta vontade ele a considera, não como justa e razoável, mas como um capricho e uma tirania; ela se acredita sempre submetida ao arbítrio. Como se faz com que ela sinta comumente mais a superioridade física do que a superioridade moral, ela espera com impaciência ter ela própria bastante força para se subtrair a isso; daí este espírito hostil que reina entre os mestres e os seus alunos. Não há entre eles nenhuma confiança recíproca, nenhum apego; há ao contrário uma troca contínua de ardis; leva a melhor quem é bastante esperto para surpreender o outro e sabe-se já quem ganha o mais freqüentemente. São dois partidos que, quando não estão em guerra aberta, estão continuamente desconfiando um do outro. Como é possível fazer uma boa educação em semelhante estado de coisas?

Coloca-se freqüentemente muito zelo, muita arte até, e muitas vezes, posso dizer, até um refinamento de maldade, na busca de punições que possam ser mais sensíveis. Não digo que isto seja um erro, mas o cúmulo do absurdo e da ignorância. O quê? Quereis fazer amar o trabalho e a virtude e é na ponta de uma vara que vós os apresentais? Vós, que deveis captar o apego e a confiança de vossos alunos, que deveis ser deles segundos pais, é com o ar pedantesco e rebarbativo e armados de palmatória e martinete que ides lhes dizer: Tende confiança em mim, amo-vos como filhos; não temais confessar vossas falhas, é para o vosso bem que quero corrigi-las? Vós que deveis lhes inspirar nobres sentimentos, imprimis sobre sua jovem frente o ferrete reservado ao crime! E por quê? Por ter feito mal um tema ou uma versão. E é assim que se quer inspirar às crianças a bondade e a doçura; é quando se lhes dá o próprio exemplo de paixão, cólera e maldade, que se quer fazê-la amar o trabalho e a virtude! Este sistema bárbaro diminui a cada dia; mas ele existe ainda para a vergonha da educação. Aliás, não se vêem todos os dias, educadores perderem as estribeiras, para maltratarem eles próprios seus alunos, ainda que reprovem o sistema da palmatória? Acharia mesmo que este último seria preferível, se tivesse de escolher; pois, nesse caso, o educador emprega o único meio que conhece; segue o costume, porque sua ignorância não lhe permitiu conhecer melhores; ele se serve dele

muitas vezes sem cólera; mas o outro é o resultado da impaciência, da brutalidade, da exaltação e, algumas vezes, do ódio.

Os outros meios empregados geralmente não são mais eficazes, e embora não tão viciosos, não têm conseqüências menos funestas. É costume, por exemplo, punir as crianças com pensums, isto é, para fazê-las amar o trabalho, dá-se-lhes o trabalho como punição; é como se quisessem fazê-las amar as varas. São preguiçosas, pensums; são mentirosas, pensums; são muito vivas, pensums; são muito moles, mais pensumse sempre pensums. É a panacéia universal para todas as doenças morais. Este gênero de punições não tem somente o inconveniente de fazê-las desgostar do trabalho e de habituá-las a fazê-lo mal; mas quando uma criança está sobrecarregada por uma ocupação, para a qual muitas vezes não se calculou bem, nem o tempo, nem a possibilidade de execução, ela se vê naturalmente levada à fazer uso de mil meios fraudulentos para enganar a boa fé do mestre; meios que freqüentemente dão certo. Eis pois uma fonte de má fé, de fraudes, de hipocrisia da qual ela bebe durante quase todo o decorrer de seus estudos clássicos. Nunca terminaria, se quisesse enumerar todos os gêneros de punições e desenvolver as lamentáveis conseqüências de sua má aplicação; mas citarei ainda uma que faz bastante parte dos costumes domésticos e que prova o quão pouco se reflete sobre os meios empregados. É comum punir as crianças pela privação de algumas guloseimas, privação essa a que elas são muito sensíveis; ou então quer-se obter delas alguma coisa e um bolo ou bombons são estimulantes, objeto de sua cobiça. Não é evidente que isto é lhes dar uma verdadeira lição de gula, lição de que elas se aproveitarão tão bem, que depois o adulto será talvez obrigado a puni-las por um defeito de que foi a própria causa? Citei estes exemplos; mas tanto na educação pública, quanto na educação privada, há milhares de circunstâncias em que não se reflete e que são a fonte de impressões funestas, que engendram a maior parte de defeitos e vícios; impressões que são sempre o resultado da maneira de ser e de agir em relação às crianças.

Que deve pois fazer o educador? Ele deve velar com a maior atenção por tudo o que possa fazer qualquer impressão sobre elas; por sua experiência e por sua perspicácia, deve poder calcular seus efeitos; deve dirigir as

circunstâncias. Não deve esquecer que uma mínima palavra, uma mínima ação, o tom que ele usa nesta ou naquela ocasião, a própria expressão de sua fisionomia, a maneira pela qual uma punição é aplicada ou uma recompensa é dada, a natureza dessa punição e as circunstâncias que a acompanham, as cenas de que uma criança é testemunha, a energia ou a fraqueza que se mostra a seu respeito; ele não deve esquecer, digo eu, que todas essas circunstâncias provocam impressões freqüentemente muito profundas.

Em muitos casos, é melhor não punir; uma simples observação amistosa, uma admoestação feita com doçura ou com energia segundo as circunstâncias, até um olhar, fazem mais efeito que uma punição. Isso depende do caráter da criança, de sua idade, das circunstâncias que podem tornar o meio que se emprega mais ou menos enérgico, e de mil outras causas impossíveis de serem definidas, mas que, por seu tato, o educador experimentado deve apreciar, calcular e prever.

Como a mãe é a primeira educadora de seus filhos, como é ela que recebe os primeiros sinais de sua inteligência, que responde aos seus primeiros pedidos, que satisfaz às suas primeiras necessidades, a ela pertence a condução das primeiras impressões morais. Orientando-as erroneamente, seja por uma ternura mal entendida ou por ignorância, ela prepara comumente as penas daqueles que ela encarrega em seguida de corrigir seus erros, e que freqüentemente não podem conseguir isso com a melhor vontade do mundo, ou porque não sejam convenientemente secundados e se destrói de um lado o que eles fazem do outro, ou porque os defeitos estejam por demais enraizados.

Mas, dir-se-á, deve-se jogar todo o mal na conta dos pais e dos educadores? Não contaís em nada esses vícios que as crianças parecem trazer de nascença? Esses caracteres de tal forma viciosos que parecem ter nascido para ser flagelo da sociedade e com os quais todos os cuidados possíveis são vãoos? Não se vêem todos os dias crianças educadas com os maiores cuidados, que nunca deixaram seus pais e que têm no entanto as mais funestas disposições; outras ao contrário, que resistem aos maus exemplos de que são rodeadas? Não é evidente segundo isso que a natureza tem freqüentemente a maior parte neste caso? Aliás, sem discordar da necessidade de se empregar todos os meios próprios a formar

a moral das crianças, é preciso confessar que há muitos defeitos que passam com a idade e que a influência quase infinita, que atribuis às impressões, não tem sempre para o futuro conseqüências tão funestas como pensais. Tais são os raciocínios que me opuseram algumas vezes; vou tentar respondê-los.

É certo que há defeitos que passam com a idade; não é porém uma razão para tolerá-los; pois embora tenham conseqüências menores, podem conduzir a vícios mais graves dando acesso mais fácil a impressões perigosas. Os vícios se servem mutuamente de base, como as idéias; aqueles que lisonjeiam nossas paixões ou nosso amor-próprio, longe de se perderem, se fortificam com a idade e se eles são menos aparentes, é que a razão aprendeu a arte de ocultá-los e, muitas vezes, de cobri-los com um véu sedutor. Se perscrutássemos todas as ações dos homens, mesmo daqueles que passam no mundo por gente honesta, veríamos quantas vezes eles invocaram em sua ajuda a falsidade, a má fé, a mentira, a hipocrisia; quantas vezes o orgulho e a presunção os dominou, quantas vezes para satisfazer seu amor-próprio ou suas paixões eles foram levados a ações baixas e desprezíveis, e quantas vezes esse mesmo amor-próprio prejudicou seus interesses. É um grande absurdo olhar os defeitos das crianças como de poucas conseqüências, porque as circunstâncias dentro das quais eles se desenvolvem sejam pouco importantes.

As crianças têm uma esfera de onde não podem sair; porque elas não têm ainda essas relações que a nós proporcionam trabalhos sérios; elas só podem pois desenvolvê-los naquilo que nós chamamos de criancices. Mas se entrarmos nessa pequena esfera, veremos que essas criancices são trabalho a seus olhos, e assim, quem se exercita em enganar um pensumou quem consegue assinar um falso boletim de conduta, saberá também mais tarde aplicar isso em coisas sérias. Só depois, na mocidade, quando esses vícios criaram profundas raízes e quando as paixões se desenvolvem com energia, ensina-se-lhes a moral; prega-se-lhes uma vã teoria que contraria as inclinações; o mal já está feito e é freqüentemente sem remédio.

Há seres, diz-se, em que o vício parece inato. Supondo que esta opinião fosse verdadeira, não seria uma razão para negligenciá-los, como não se deixaria de cuidar de um doente que se acreditasse incurável. Sem dúvida, há disposições que são realmente inatas; aquelas que se ligam ao temperamento; tais como a vivacidade, a lentidão, a cólera, o sangue-frio, a agilidade ou a profundidade das idéias. Essas disposições se prendem à constituição, nascemos com um temperamento que nos leva à lentidão ou à vivacidade, à reflexão ou à leviandade, como se nasce forte ou fraco, bonito ou feio. Estas diversidades têm freqüentemente origem no clima, que exerce sua influência sobre a mãe, antes do nascimento da criança e, através disso, sobre as disposições físicas e morais de toda uma nação. Essas diversas naturezas de temperamento, que a educação pode no entanto modificar, tornam a criança mais ou menos propícia a receber ou a conservar esta ou aquela impressão estranha. Como tudo o que cerca a criança, todas as ações de que é testemunha ou objeto, provocam nela uma impressão, desde o dia em que ela vem à luz; está claro que se estas impressões são de natureza a corrompê-la, ela parecerá ter nascido com disposições viciosas.

Tal é a razão que pode ter induzido à crença em vícios inatos. O que pode ainda sustentar ainda esta opinião é que certas crianças, mesmo cercadas constantemente de maus exemplos, tornam-se entretanto boas pessoas; isso se deve a que, pela natureza de seu temperamento, elas são menos suscetíveis de receber as impressões do clima moral em que se encontram, como acontece com aquelas a quem o clima físico ou as impressões atmosféricas trazem mais ou menos prejuízo à saúde.

Concluo pois das observações precedentes, que não nascemos nem virtuosos, nem viciosos; mas mais ou menos dispostos a receber e a conservar as impressões próprias a desenvolver os vícios ou as virtudes; como não nascemos com esta ou aquela ciência, mas com uma organização própria a receber facilmente as impressões que pode desenvolvê-la em nós. Sem fazer aqui nenhum julgamento sobre o sistema do Dr. Gala, parece-me que tanto quanto ele não pode pretender que uma criança venha ao mundo com uma virtude ou um vício adquiridos, também não pode racionalmente dizer que ela traga, ao nascer, o conhecimento da música, por exemplo, se bem que nasça com uma

organização que a torna mais ou menos suscetível de adquiri-lo facilmente.

Vê-se pois que depende dos pais cercar a criança, desde seu nascimento, de impressões salutares para o seu espírito e para o seu coração e evitar todas as que podem lhe ser prejudiciais, como se evita deixá-la numa atmosfera ruim. Eis o segredo da verdadeira educação moral. O talento nisso consiste, como já disse, em saber perfeitamente apreciar o efeito de todas as impressões sobre as crianças e em saber dirigir as circunstâncias que podem produzi-las. Ninguém, creio eu, poderá negar a verdade deste ponto, seja qual for sua opinião sobre a causa primeira das qualidades morais. Ora, que se examine o interior das famílias e que se calcule a multidão de lamentáveis impressões que as crianças estão em condições de receber, freqüentemente desde o berço, seja por fraqueza materna, seja por maus exemplos e por maus conselhos de domésticos, seja por uma infinidade de circunstâncias; que se examine em seguida a organização da maior parte das casas de educação e a quantidade infinita de impressões perniciosas, que resultam ou da própria organização, ou da imperícia, da ignorância, da brutalidade das pessoas que se empregam para colaborar na educação; desta multidão de empregados subalternos que saindo de suas aldeias crêem saber educar os homens e fazer deles notáveis cidadãos, porque sabem um pouco de latim; sem contar as freqüências perigosas e sobretudo os costumes depravados que são, comumente nessas casas, o resultado da negligência ou da imprevidência e que fazem os estragos mais terríveis. Deve-se pois espantar que impressões tão numerosas e tanto tempo sofridas sejam tão profundas? Deve-se espantar de encontrá-las indeléveis, quando foram recebidas junto com a vida? Resultam disso necessariamente hábitos de tal modo enraizados que, por assim dizer, fazem parte da existência e não se pode deixar de se entregar a essas inclinações, tanto quanto um ébrio não pode deixar de beber.

De tudo o que acabamos de observar, resulta que a educação é uma arte particular, bem distinta de todas as outras e que, por conseqüência, exige um estudo especial; que não é aliás nem a mais fácil de se estudar e nem a mais fácil de se praticar; ela exige disposições e uma vocação muito particulares; exige qualidades morais que não são dadas a todos os homens, tais como uma paciência e uma sabedoria à toda prova, uma

firmeza misturada à doçura, uma grande penetração para sondar os caracteres, um grande império sobre si mesmo, a vontade e a força de domar as próprias paixões, enfim, todas as qualidades que se quer transmitir à juventude. Ela exige ainda um conhecimento profundo do coração humano e da psicologia moral, um conhecimento perfeito dos meios mais apropriados a desenvolver nas crianças as faculdades morais, físicas e intelectuais, e um tato especial para aplicá-los a propósito. Esses meios, repito-o, devem ser estudados como se estudam os remédios da medicina.

A educação, considerada como arte pedagógica, foi até aqui objeto de especulação de um número muito pequeno de indivíduos que se ocuparam disso por prazer; mas é preciso notar que a maioria daqueles, que fizeram pesquisas profundas sobre esta arte, jamais a praticaram. Frequentemente também se entregaram a idéias sistemáticas, impraticáveis ou nocivas, enquanto que aqueles que a praticam, não a estudam. De mil pessoas dedicadas à educação, muitas vezes não se encontrará uma só, que tenha lido um quarto das obras sobre o assunto. Aqueles que se destinam à magistratura não podem ser advogados sem terem estudado as leis; não confiaríamos a saúde a um indivíduo que se dissesse médico sem ter estudado medicina; por que confiamos assim tão levemente os filhos a homens que não sabem o que é educação? Faço tanto caso de um educador (como educador e não como indivíduo) que não estudou sua arte, quanto de um charlatão que ministra drogas, que ele diz aprovadas pela Academia de medicina. Sei bem que, para a instrução, tem-se o cuidado de escolher professores hábeis; mas há uma grande diferença entre um professor e um educador; o primeiro se limita a ensinar; é suficiente, para cumprir sua função, ser bem instruído e ter um bom método; mas o segundo é encarregado do desenvolvimento inteiro do homem e a isto se dá menor importância. Se o primeiro é ignorante, ele fará apenas ignorante, o outro fará homens viciosos. Parece-me tão absurdo confiar os filhos a um homem que ignore a arte da educação quanto seria ridículo confiar sua instrução a um ignorante. Bastará saber traduzir Virgílio e Horácio para educar crianças? Não, nunca seria demais repetir, a educação não se limita apenas à instrução; aliás, todas as partes da educação são tão estreitamente ligadas, que não concebo como se pode

jamais separá-las.

Pode-se ver, pelo que precede, como nosso sistema de educação está longe da perfeição, e sobretudo como é incompleto se o entendermos na verdadeira acepção da palavra. Entre as causas que contribuíram para esse atraso, há uma, talvez mais difícil de se destruir que em outras partes, e que se refere, como já disse no começo, a um preconceito geralmente difundido contra tudo o que tem relação com a educação; diria mesmo que há uma espécie de humilhação ligada à profissão de educador; despreza-se o que se refere à infância e o nome de escola tem qualquer coisa de baixo e vil no mundo. Aquele que se ocupa de grandes interesses coraria por se imiscuir em algo que ele olha como abaixo dele. A educação, entretanto, está submetida a princípios e a verdades de ordem bastante elevada; ela toca interesses públicos e privados de muito perto para ser digna, em todos os aspectos, da meditação de filósofos e legisladores; muitos nos deram disso um exemplo notável; mas escutai a maior parte desses homens do mundo falar da educação; eles não encontram expressões suficientemente enérgicas para pintar a sua importância na ordem social. Vede-os em seguida acolher um educador, mesmo o de seus filhos! Que ar de desprezo! Que arrogância em suas maneiras! Mal se dignam a honrá-lo com um sorriso protetor; acreditariam se humilhar se lhe testemunhassem alguma consideração. Vós, que vos destinais à educação, qualquer que seja o motivo que vos move, esperai experimentar todos os desgostos, todas as humilhações, todas as contrariedades e mais freqüentemente ainda toda a ingratidão que se possa imaginar. Esperai a recompensa para vossos cuidados mais constantes tão somente na satisfação interior de ser útil. Aqueles mesmos a que tereis prestado os maiores serviços, aqueles cujas crianças ter-vos-ão dado o maior trabalho, são os que vos darão a menor satisfação. Contai raramente com seu reconhecimento e ainda menos com sua justiça. Qual o educador que não teve de suportar, muitas vezes, a cegueira dos pais em relação aos filhos? Fazem esses progressos? Não se vos leva em consideração; é que eles têm uma inteligência admirável. Eles são tolos? É vossa a culpa. Conseguis, à força de cuidados e paciência, reformar seus caracteres? É que eles são naturalmente encantadores. Eles são viciosos? Vós é que sois a causa. Ai de vós se vos permitirdes encontrar-lhes

defeitos perto de certos pais! Eis como se é auxiliado. Apraz-me porém reconhecer que nem todos os pais devem ser postos nesta categoria. Achei muitos que me deram toda a satisfação desejável, e se todos fossem assim, a educação seria um prazer; pois, devo dizer francamente, no interesse geral: são os pais, por suas exigências ridículas, por sua pouca razão e por sua ingratidão, que tornam a carreira mais penosa do que todos os defeitos das crianças. Não é nessas notas de generosidade, que satisfarão inteiramente apenas as almas vis e interesseiras, que se pode perceber o verdadeiro reconhecimento dos pais; pode-se ser generoso com todo o mundo, com um operário, um empregado; mas só se testemunha consideração a quem se estima. Ora, se não dais ao educador de vossos filhos mostras de estima, é que sem dúvida não o considerais digno disso. Como se dá pois que confiais a um homem, que aos vossos olhos não é estimável, o cuidado de inspirar sentimentos nobres a vossos filhos? Fazeis alguma diferença entre as funções de educador e as de um criado de quarto? Seguramente, direis. Nesse caso, estabelecei-a entre as pessoas que as preenchem; pois, na educação particular, os educadores são em geral considerados como primeiros criados e na educação pública são vistos como sucessores das amas de leite. Pensai que eles vos substituem; que eles exercem junto aos vossos filhos, não funções baixas e servis, mas aquelas que deveríeis preencher vós mesmos. A conduta dos pais diante de um educador influi muito sobre a das crianças; estas medem o respeito que lhes dedicam sobre o que vêem se lhes testemunhar; raramente elas se permitirão faltar com o respeito com aqueles que vêem cercados de consideração. Pais e mães que vos dais ao trabalho de me ler, queirai meditar bem no que vos falo neste momento; é mais importante do que podeis imaginar, para o interesse de vossos filhos. O sucesso de sua educação depende do grau de influência que sobre eles exerça a pessoa encarregada de educá-los, e muitas vezes vós a destruí, em vez de procurar aumentá-la. Testemunhar aos educadores mais consideração que lhes dais é o melhor meio de interessá-los em vossos filhos e de fazê-los suportar mais pacientemente as dificuldades que eles encontram na sua educação. Pensai que não há nada mais penoso do que estar encarregado de educar filhos dos outros, e se muitas vezes vós mesmos vos sentis embaraçados com isso, como não deve ser para um estranho? Os

aborrecimentos, as contrariedades, os desgostos com que os educadores são acabrunhados, afastam desta carreira os homens de mérito notável. Resulta disso que a educação, e sobretudo a primeira, fica por conta de homens medíocres, saídos o mais freqüentemente de uma classe muito inferior, onde não puderam receber eles próprios uma educação social adequada à sua missão. Pensai que um homem, que tenha auto-estima e o sentimento da própria dignidade, raramente se exporá a ser rebaixado aos olhos de seus alunos, pela distância que quereis colocar entre ele e vós. O educador, dizeis, é vosso representante junto aos vossos filhos. Sim, ele vos substitui; é por isso que deveríeis considerá-lo de alguma forma como um membro da família, como um verdadeiro tutor, encarregado de velar pelos seus maiores interesses. Exigis com razão que ele se apegue a vossos filhos; é, com efeito, seu dever; ele deve vê-los, amá-los como se fossem seus; é então que ele tem sobre eles uma influência, por assim dizer, indeterminada, e que pode realmente obter bons resultados. Mas credes que se possa ordenar esse apego? Credes que vossos filhos não terão maneiras, hábitos que inspiram distância? Credes que seja fácil a um estranho suportar os desagradados, de que vós mesmos vos queixais freqüentemente? Credes que um educador, cujo amor-próprio feris com vossas maneiras e com vossas reflexões humilhantes, que atordoais com exigências sem medida, não possa emburrar com vossos filhos? E quem vos garante que esses não sofrerão? Fazei pois por compensar os aborrecimentos desta tarefa penosa, menos, como já disse, por uma generosidade muitas vezes humilhante, mas por estas deferências, por estes obséquios delicados, os únicos capazes de satisfazer completamente todo homem que tenha sentimentos elevados. Mas, dizeis, eu lhe pago por isto; não é o suficiente? Pais! Queixai-vos de que os educadores façam da educação um negócio; mas se os considerais como mercenários, é de se espantar que eles dêem a mercadoria em troca de vosso dinheiro? Estas reflexões parecerão talvez deslocadas de minha parte, como parte interessada. Gostaria que outros as tivessem feito antes de mim para me poupar delas; mas tendo a experiência me demonstrado as verdadeiras necessidades da educação, creio meu dever exprimi-las francamente, e posso atestar que falo aqui apenas no interesse geral, declarando, pelo que me diz respeito, não ter nada a reclamar nesse aspecto. Desejaria, é

verdade, ver a profissão de educador elevada ao nível que me parece dever ocupar na sociedade, porque sinto que isso é necessário ao progresso da educação, cuja influência sobre a felicidade dos homens seria assegurada; mas acredito ter provado, pela severidade com que encaro as obrigações desta profissão, que não pretendo que os educadores gozem gratuitamente da consideração que reivindico para eles; quero que inspirem essa estima e, na descrição feita dos respectivos deveres, não creio ter lhes assinalado a carga menos pesada.

Talvez não seja inútil procurar a causa primeira dessa espécie de descrédito em que se encontra a carreira da educação no mundo. É retornando à fonte de um mal, que se pode mais facilmente achar os meios de remediá-lo. Esse descrédito se deve à idéia falsa que sempre se fez da educação. Pela convicção de que ela se limita à instrução, exigiu-se dos educadores apenas aquela que é rigorosamente necessária para a idade de que devem se ocupar; assim, ela fica muito limitada, pois dos educadores do terceiro grau, por exemplo, exige-se apenas saber ler, escrever e fazer as quatro operações. Concebe-se que não é difícil encontrar pessoas que saibam apenas isto, sobretudo quando não há a preocupação de que elas tenham ou não um bom método para ensiná-lo. Resultou disso, que uma multidão de pessoas, elas mesmas sem educação, abraçaram esta carreira unicamente porque lhes dava um meio de vida ou porque as elevava um pouco; saídas geralmente de uma classe muito medíocre, nada conhecendo do mundo, enfatuadas do pequeno mérito que as tinha feito sair de seu círculo original e que lhes dava alguma preponderância sobre as pessoas de sua posição; por outro lado, lisonjeadas com o fato de comandar e de se fazer obedecer, essas pessoas acharam dever aumentar sua consideração com este ar pedante, que as tornou o ridículo da sociedade. Não tendo jamais refletido sobre o objeto da educação, nem sobre os meios de formar a juventude, não encontraram outros melhores que de lhe imprimir o terror; daí a invenção da palmatória, dos açoites e de todos os instrumentos de dor e de infâmia que, a bem da verdade, são atributos pouco apropriados, para se obter a consideração do mundo. Aquelas que puderam adquirir alguma instrução a mais, entregaram-se a um ensino superior; mas para elas, ensinar humanidades é o ápice da glória e seu pedantismo não diminuiu com esse

acréscimo de honra. Por não freqüentarem o mundo, elas não puderam se formar nos seus costumes, nem adquirir esses hábitos sociais que deve ter todo homem que nele quer ter uma posição; conservaram, conseqüentemente, o tom e as maneiras que as haviam excluídos; daí a prevenção, que afastou desta carreira os homens de um mérito real e que a poderiam ter aperfeiçoado. Porém, há muitos que se puseram acima dos preconceitos e que deram a medida do grau de consideração que pode pretender um educador, que sabe se tornar digno. Pestalozzi e o Padre Girard de Friburg se ocuparam da primeira infância, dirigiram o que se chama de escolas, e no entanto, eles foram cercados, não apenas de consideração, mas de veneração, de verdadeiras honras; diversos soberanos até lhes deram mostras de uma estima pouco comum. O Sr. de Fellenberg, em Hoffwyl, não se considerou desonrado, apesar de sua posição, em se colocar à testa de um estabelecimento de educação, pelo qual adquiriu merecida reputação. O abade Gaultier também não se ocupou, ele próprio, de crianças e não conquistou o direito ao reconhecimento público? Eis os homens, que são a honra da educação; infelizmente eles são raros, porque são poucos os que têm o espírito bastante forte para se colocarem acima dos preconceitos. Depende, pois, dos educadores, tornarem-se dignos de respeito, pondo-se à altura de suas funções, e da sociedade, não repeli-los. Para o bem geral, há dos dois lados, preconceitos a vencer e deveres a cumprir.

Na educação pública, a organização das instituições é algo da maior importância. Se ela é viciosa, a educação será então necessariamente má. Tudo aí deve ser combinado, calculado, de maneira a atender ao objeto a que se propõe. Não é suficiente que o local seja saudável, bem arejado, que tenha um jardim, vastos dormitórios; é preciso uma disposição de detalhes própria a impedir todos os abusos e a evitar às crianças a ocasião de fazer o mal; pois se refletirmos bem em todas as suas faltas, ver-se-á que se pode evitar a maior parte. Eis um ponto muito importante que desenvolverei numa obra completa sobre pedagogia. Não se deve acreditar que seja coisa de pouca monta organizar uma instituição e sobretudo zelar pela manutenção dessa organização. Isso exige da parte do diretor experiência, firmeza, atividade, uma grande presença de espírito e um estudo particular de tudo o que se relaciona a esta

organização. Se a carreira da educação em geral exige qualidades especiais, essas qualidades devem ser elevadas a um grau bem maior quando se está à testa de uma casa, pois que se deve dirigir e zelar pela moral, pela inteligência e pelo físico de um número às vezes muito considerável de indivíduos de que se tem de apreciar todas as ações e aprofundar o caráter natural; deve-se a cada instante modificar a maneira de agir para apropriá-la às diferentes nuances de caracteres, e deve-se vigiar a si mesmo com mais severidade ainda do que se vigia os outros; é preciso numa palavra um talento particular, e de tal forma, que um excelente educador poderá ser um péssimo diretor de escola. Nenhum motivo de amor-próprio ou de presunção me ditou essas reflexões e estou longe de querer insinuar algo que me seja pessoalmente favorável, em detrimento de quem quer que seja. Fiz, é verdade, um estudo particular da arte da educação; este estudo me mostrou tudo o que era necessário para cumpri-la e me move a fazer diariamente esforços para adquirir o que me falta.

Se todas as instituições fossem convenientemente organizadas, se todos os diretores tivessem a instrução necessária, não falo da instrução científica, mas da apropriada a essa função, a educação não tardaria a melhorar sensivelmente. Os costumes sobretudo, que são aí algumas vezes tão depravados, se purificariam facilmente; porque aprender-se-ia a conhecer os verdadeiros meios de prevenir os vícios, que fazem tantos danos entre os jovens. Os maus costumes são sempre a consequência da má organização e os meios de prevenir-se deles faz parte dos estudos pedagógicos que proponho estabelecer. Esses meios não consistem unicamente na vigilância; pois por minuciosa que seja, há um grande número de circunstâncias em que as crianças podem se subtrair a ela; mas sim na aplicação de certos princípios higiênicos que pedem um estudo particular e que repousam sobre conhecimentos da organização humana. Voltarei logo adiante a esse tema, que merece a atenção mais escrupulosa de todos os homens devotados à educação, dos pais e do governo.

Há na educação pública um ponto que, até o presente, fez o desespero de todos os diretores de estabelecimentos; é a dificuldade de encontrar empregados capazes de secundá-los. Frequentemente, um educador pode

ter as melhores idéias, mas ele se acha entravado pela ignorância, má vontade, inexperiência, em suma, pela inépcia daqueles que é obrigado a empregar; dando-se por feliz quando não encontra homens viciosos.

Devo, sem dúvida, fazer justiça aos cuidados da autoridade que obriga os diretores de escola a lhe enviar todo o mês o estado de seu pessoal e uma nota detalhada sobre as causas de demissão de um professor; essas causas são graves, ele fica interdito; mas não é evidente que um educador pode fazer pessoas bastante viciosas, que ele pode não ter as qualidades necessárias ao seu estado, sem que seja um bêbado ou um libertino? A autoridade vai interdité-lo por não ter bastante zelo, bastante atenção, uma forma bastante boa de ensinar, por possuir um caráter demasiado mole ou demasiado vivo? Não, ela só pode atingir, pelos meios que emprega, os homens realmente perversos. No entanto, não há diretor de escola que não confesse haver enfrentado mais contrariedades com os professores do que com os alunos. Disso resultam trocas contínuas, que causam um prejuízo incalculável aos alunos. Sente-se bem isso, mas a tal se é forçado. Eis aí o maior obstáculo que encontrei desde que estou à testa de uma casa, o que mais entravou minhas idéias, pela dificuldade de encontrar pessoas bastante dotadas de boa vontade, bastante inteligentes, bastante zelosas, para fazer com discernimento o que eu não podia fazer sozinho. Mas, para ser justo com todos, é preciso confessar que todos os diretores de escola não fazem sempre o que seria preciso para se ligarem aos professores; há muitos que os repelem ou por dureza, ou colocando-os numa posição muito falsa em relação aos alunos, ou não respeitando suficientemente o seu amor-próprio, ou enfim por mil humilhações, às quais todo homem que tem o sentimento de sua dignidade é sensível; mas é fato que é tão difícil encontrar bons professores, que freqüentemente sente-se repulsa em ter por eles uma consideração que eles não levam em conta e, em geral, eles nada fazem para que lhes possa dedicar amizade.

Pode-se assim concluir de tudo o que precede: 1º que a educação é uma ciência bem caracterizada; 2º que se encontramos tão poucas pessoas que a encaram sob seu verdadeiro aspecto, isto se deve à ausência de estudos sobre este objeto; 3º que o atraso da educação deve ser atribuído ao fato de haver tão poucas pessoas capazes de apreciar seu verdadeiro objetivo, o que ela é, o que ela poderia ser e, por conseqüência, o que seria preciso

fazer para melhorá-la. A educação está atualmente no estado em que se achava a química há um século. É uma ciência que não está ainda constituída e cujas bases são ainda incertas. Pode-se ainda concluir relativamente à educação moral em particular: 1º que os hábitos morais são o resultado das impressões morais, que determinam os vícios ou as boas qualidades, segundo o indivíduo seja mais ou menos suscetível a elas; 2º que importa assim dar uma boa direção a todas essas impressões; 3º que elas dependem inteiramente dos pais e dos educadores; 4º que é quase sempre sua inexperiência e sua ignorância em matéria de pedagogia que é a causa de todos os vícios, dos quais esforça-se para curar mais tarde a juventude; 5º que não se pode esperar obter um bom sistema de educação, e por conseguinte, uma boa educação moral, se não se tiver uma massa de educadores que compreendam verdadeiramente o objetivo de sua missão e que tenham as qualidades necessárias para cumpri-la. Em resumo, a educação é o resultado do conjunto de hábitos adquiridos, esses hábitos são eles próprios o resultado de todas as impressões que os provocaram, e a direção dessas impressões depende unicamente dos pais e dos educadores. O ponto essencial é pois o meio de termos bons educadores. É em torno disso que gira em grande parte toda a questão e é o que vou tentar resolver.

A educação, dizemos, é uma ciência particular que deve ser estudada. O meio de se atingir isso pois, seria criar uma escola teórica e prática de pedagogia, como há escolas de direitos e de medicina. Estudar-se-ia aí tudo o que concerne à arte de formar os homens. Eis em poucas palavras quais seriam esses estudos:

- 1º Fisiologia moral do homem desde seu nascimento;
- 2º Influência do físico sobre o moral e reciprocamente;
- 3º Estudo de todos os tipos de caracteres, como a medicina estuda os diversos temperamentos;
- 4º Estudo de diferentes naturezas de impressões e dos efeitos que elas podem ter segundo o caráter ou o temperamento moral;
- 5º Estudo aprofundado de todas as qualidades morais, boas ou más, de todos os defeitos e de todos os vícios e de suas possíveis causas;
- 6º Estudo dos meios próprios a prevenir ou reprimir cada vício e sua aplicação aos diferentes caracteres;

7º Estudo do espírito humano, de sua marcha progressiva, dos meios apropriados para dar idéias justas; e enfim, os meios mais adequados para se colocar ao alcance dos diversos graus de inteligência;

8º Estudo e exame crítico de diversos métodos de ensino e sua aplicação às diferentes ciências;

9º Estudo da parte higiênica que se aplica à educação e dos meios adequados para desenvolver o corpo e fortificar a saúde, sem perigo;

10º Seria preciso estudar com o máximo de detalhes as disposições mais vantajosas de uma casa de educação; sua organização interior; os meios de se evitar os abusos e as ocasiões de praticar o mal; os meios de aproveitar as vantagens que se podem tirar da reunião de um certo número de indivíduos; os meios de emulação que se podem empregar sem excitar paixões perigosas; enfim as qualidades que devem distinguir um bom diretor de escola;

11º Seria preciso ainda ler, estudar e comentar todas as obras que foram escritas sobre educação ou que podem ter qualquer relação com o assunto, tais como as referentes às faculdades morais, às paixões, aos caracteres, à higiene; como em direito e em medicina se estudam e se comentam as obras e as doutrinas de diversos juristas e médicos;

12º Estudar-se-ia enfim a educação na suas relações com a religião, e os meios de combinar essas duas coisas, as mais importantes à felicidade do homem e da sociedade, de maneira que, fundamentadas uma na outra, elas se sirvam mutuamente de apoio .

Vê-se, nessa breve exposição, que vasto campo abraça o estudo da pedagogia; mas jamais a teoria foi tão insuficiente numa ciência, quanto nessa.

Nada mais fácil do que conhecer os princípios da educação com a inteligência; mas como sua aplicação exige qualidades particulares, acontece todos os dias que aqueles que melhor raciocinam sobre o assunto são muitas vezes os piores educadores; como se vêem aqueles que, sabendo muito bem o direito, são maus advogados. Seria pois importante fazer com que os jovens, que fossem se dedicar a essa carreira, freqüentassem cursos de aplicação, como se faz para a medicina, e que aí se apreciassem seus talentos.

Formar-se-ia para isso, no mesmo local da escola pedagógica, um vasto

estabelecimento gratuito, onde os alunos-educadores colocassem em prática as lições que houvessem recebido sobre a arte de educar os homens. Julgar-se-ia então com certeza, não só a sua capacidade para esta arte, como também poderia haver segurança quanto à sua moralidade, ao seu caráter, e assim, confiar esta missão importante apenas a homens que realmente estejam em condições de cumpri-la. Tracei com o máximo de detalhes o plano orgânico deste estabelecimento, e creio tê-lo feito sobre bases tão econômicas, que ele não sobrecarregaria o governo que o criasse; mas apenas mais tarde farei conhecer este plano.

As vantagens que resultariam de uma instituição desta natureza são, creio eu, bastante evidentes por si mesmas, para serem compreendidas por todo mundo, pois ela forneceria à França inteira homens hábeis na arte da educação e capazes de prestar, neste sentido, serviços relevantes à pátria. Em alguns anos, a educação faria mais progressos do que fez um século. Seria uma instituição digna de nossa época e de um governo esclarecido, que conquistaria com isso a glória de ter sido o primeiro, de alguma forma, a criar uma nova ciência, ou que poderia ao menos se gabar de lhe ter proporcionado um desenvolvimento que ela jamais teve, em nenhuma outra época, em nenhum outro povo.

A distinção que estabeleço, entre a função de simples professor e a de educador, deixa naturalmente entrever a diferença que existiria entre a antiga Escola Normal e a escola pedagógica, que proponho estabelecer. Na primeira, não se procurava senão formar professores hábeis; a segunda abarca um campo muito mais vasto, e os estudos de que depende são, como se viu, infinitamente mais extensos e de fato novos. Ela teria por meta formar educadores, não somente capazes de ensinar, mais ao mesmo tempo de desenvolver o homem em todos os sentidos. Aprofundar-se-ia aí a arte da pedagogia em todos os seus detalhes e, pela aplicação imediata que se faria, ficaríamos seguros de confiar a juventude apenas a homens de uma habilidade reconhecida, vantagem enorme, que não se encontra em nenhum outro país. Vê-se assim, que estou longe de aprovar a inteira liberdade que se dá à educação em certos países. Os resultados da educação são muito importantes para confiá-la levemente a qualquer um, e creio que nesse ponto, nunca seríamos demais severos; mas é preciso uma severidade sensata que não possa em nada prejudicar os

desenvolvimentos de que essa ciência é capaz. Se quisesse me estender sobre este assunto, seria fácil provar que a severidade usada atualmente está longe de atingir esse objetivo; pois, não somente ela não pode de forma alguma dar as garantias que temos o direito de exigir (o que a experiência prova), mas ela ainda atrapalha. Uma vez que se tivesse reconhecido num indivíduo o caráter e o talento necessários, e nesse aspecto é que se deveria ser extremamente severo, uma vez que esse indivíduo fosse admitido no corpo de educadores, deveria ser deixado livre para agir à vontade; não se deveria mais forçá-lo a seguir um caminho ao invés de outro, como não se obriga os médicos a tratar os doentes segundo esta ou aquela doutrina. A rivalidade que se estabeleceria então entre os homens hábeis levaria logo a arte da educação ao seu mais alto grau de perfeição.

Creio dever responder a uma objeção que se poderia fazer contra esse estabelecimento gratuito, que serviria de escola de aplicação. Muita gente dirá, sem dúvida, que serão crianças sacrificadas em experimentos. A resposta é bem simples: primeiro, os alunos-educadores, não sendo admitidos à prática senão depois de um ano de teoria, não serão de qualquer forma pelo menos tão aptos quanto, ou mais que, essa multidão de gente que se emprega e que de educação só conhece o nome?

De qualquer maneira, essas crianças não poderão ser pior dirigidas do que seriam nas escolas comuns; ao contrário, as próprias experiências que fossem feitas reverteriam em seu benefício, pois tenderiam sempre ao aperfeiçoamento da arte, essa pela qual os educadores comuns não se inquietam nem um pouco. Por outro lado, a escola pedagógica, se fosse dirigida por um homem versado nesse ramo, que zelasse ele próprio pela sua aplicação, as experiências não teriam nenhuma espécie de inconveniente.

Todas as partes da educação, assim como as de todas as ciências, têm relações tão íntimas, que não podem ficar inteiramente isoladas; se uma delas repousa sobre bases falsas, as outras se ressentem naturalmente. É esta relação das partes com o todo, que faz o sistema de estudos influir sobre a moral e sobre o físico, tal como vou demonstrar.

Todos se queixam dos estudos comuns; acha-se que eles são demasiado longos, demasiado incompletos e que não respondem nem às necessidades

do indivíduo, nem à da sociedade. Com efeito, em que se emprega o tempo da educação? Que sabe um jovem depois de dez anos de estudos? Um pouco de grego e de latim e a fazer algumas redações empoladas, eis tudo. Muitas vezes, ele não sabe nem sua própria língua; pois não é raro encontrar jovens que fizeram retórica e que não sabem escrever uma carta corretamente. Perguntai-lhes o que produz o trovão, a chuva, a neve; por que faz calor no verão e frio no inverno; por que um balão se levanta; por que uma pequena pedra vai para o fundo d'água enquanto um grande navio bóia. Fazei-lhes enfim as perguntas mais simples sobre os fenômenos de que são testemunhas todos os dias, mesmo sobre os que se ligam à sua existência, não achareis dois sobre mil em condições de responder. A instrução, em geral, está tão longe de estar em harmonia com as necessidades dos homens, que todos são obrigados a recomeçar novos estudos, conforme a carreira que queiram abraçar. O último operário marceneiro ou pedreiro possui muitas vezes mais idéias positivas e exatas que os nossos primeiros humanistas. Mas, dir-se-á, jamais se pretendeu que os estudos clássicos dispensassem os estudos especiais. São estudos gerais que conduzem a tudo. Sem dúvida, aí está a meta, vejamos se ela é atingida. Para que uma ciência possa conduzir a tudo, é preciso que ela tenha uma relação imediata com a maior parte das carreiras que se possa percorrer. As línguas antigas estão neste caso? Acho que não. Elas são rigorosamente necessárias apenas para a magistratura e para a medicina. Elas são, dizem, a chave de todas as ciências; aprendendo o latim, aprende-se o francês, pois esta língua é formada daquela. Mas então como se dá que nove décimos dos jovens não saibam francês após haver estudado dez anos o latim? Quem quiser se convencer disso, que proponha à maioria dos retóricos, as seguintes questões, e verá quantos encontrará em condições de responder:

Qual a diferença entre alléger (aliviar) e alléger (desbastar), calfater (calafetar fendas de um navio) e calfeutrer (calafetar fendas de uma porta ou janela), colorer (colorar) e colorier (colorir), coasser (coaxar) e croasser (grasnar), emplir (encher) e remplir (preencher), éveiller (acordar) e réveiller (despertar), recouvrer (recobrar) e recouvrir (recobrir), plier (dobrar) e ployer (vergar), âpre (áspero) e acre (acre), habileté (habilidade) e habilité (habilitação), fourniment (equipamento de

um soldado) e fournissement (quota de um associado), métal (metal) e métal, larmes (lágrimas) e pleurs (prantos), morale (moral) e moralité (moralidade)? Deve-se dizer: j'ai trouvé ces écoliers mangeant des cerises, ou mangeants? (Encontrei esses estudantes comendo cerejas). J'ai lu plus de livres que je ne vous en ai prété, ou prêtés? (Li mais livros do que vo-los emprestei). Les chaleurs qu'il a fait, ou qu'il a faites? (O calor que fez). É indiferente dizer: cracher le sang ou cracher du sang, (cuspir sangue), coucher par terre ou coucher sur l a terre, (estender algo ou alguém no chão ou deitar-se no chão), demander pardon ou demander excuse (pedir perdão ou pedir desculpas)? Que diferença estabeleceis entre estas locuções: être faible (ser fraco), avoir la faiblesse, (ter a fraqueza), avoir des faiblesses (ter fraquezas), avoir de la faiblesse (ter um fraco); ne faire que parler (não deixar de falar) e ne faire que de parler (acabar de falar); dire un mensonge (dizer uma mentira) e faire un mensonge (cometer um engano); e tomber par terre (cair no chão), etc. Essas regras são contudo bem simples; são no francês o que é no latim a regra de Deus sanctus; mas não são nem os rudimentos de latim, nem Virgílio, nem Salústio que as ensinarão; não são por esses autores que aprenderemos a escrever em francês com pureza, elegância e clareza, não são eles, que nos farão conhecer as belezas de nossa literatura, mas sim Racine, Boileau, Fénelon, Massillon, La Harpe e todos os nossos grandes escritores. Aliás, apesar do francês derivar do latim, que ligações existem entre essas duas línguas? A etimologia apenas; pois, quanto às regras, às formas gramaticais, ao espírito, à construção, elas não se parecem de modo algum. Mas, mesmo se houvesse entre elas relações ainda maiores, não é cem vezes mais racional começar pela que se fala, cuja prática já se tem, e de que se tem apenas a teoria a aprender, que ir fazer um desvio imenso para chegar ao ponto mais próximo de onde se partiu?

O latim, diz-se ainda, serve para aprender a história e a geografia, porque os seus autores falam disso; eis um engano. Os autores clássicos apresentam apenas fragmentos dispersos, que não podem dar uma visão completa dessas matérias. É, ao contrário, o conhecimento perfeito dessas duas ciências que é indispensável para a compreensão desses autores. Aliás, se a afirmação acima fosse verdadeira, por que veríamos tantos jovens que, depois de terem falado mil vezes sobre Roma e Atenas não

sabem mostrá-las no mapa? Que, depois de terem falado também talvez tão freqüentemente sobre os principais eventos da história, mal sabem se aconteceram antes ou depois de Jesus Cristo? O latim dá ao arquiteto os meios de construir mais solidamente ou mais elegantemente? Ao matemático, ao mecânico, ao engenheiro, mais justeza nos seus cálculos? Ao negociante os meios de fazer fortuna? Torna ele a ciência do médico menos conjectural, e uma defesa é mais convincente se está semeada com profusão de citações latinas? Não concluo, entretanto, disso que seja preciso rejeitar o seu estudo; vejo-o como o grego, não como a base, mas como o complemento útil, necessário mesmo, de toda educação bem cuidada; seja porque é exigido em certos estudos especiais; seja porque contribui para formar o gosto e que se encontra nele os primeiros modelos da bela literatura; seja enfim por causa de um preconceito pelo qual se deve ainda fazer um sacrifício. Mas, como é bem notório que esses estudos são inúteis para três quartos dos que são obrigados a fazê-los; que há um grande número de pais que mesmo desejando que seus filhos estudem o latim, não desejariam vê-los dedicando-lhe todos os seus instantes; gostaria de um plano de estudos que conciliasse os interesses de todos; que tivesse por base as ciências verdadeiramente fundamentais, e que oferecesse recursos reais para todas as posições da vida. As ciências que abrem a via a todas as carreiras, são: a matemática e todas as que dependem dela, como a física, a química, a tecnologia, a mecânica; as línguas vivas, incluindo evidentemente a língua materna, cujo estudo deveria começar desde o momento em que se aprende a ler e a escrever. Não entendo aqui, por estudar francês, aprender maquinalmente a gramática e a ortografia; mas aprofundar as dificuldades da língua e se familiarizar com nossos bons escritores, único meio de formar o gosto e o estilo.

A matemática e a física fazem parte, é verdade, desde algum tempo, dos estudos superiores; é seguramente um avanço que deve ser levado em consideração; mas se observarmos que são ciências que exigem o máximo de tempo, conceberemos facilmente que não será em dois ou três anos, fazendo-se delas um objeto bastante acessório, que se poderá conhecê-las o bastante, mesmo para o uso comum. Pode-se começar bem cedo com a aritmética e conhecê-la perfeitamente aos doze anos. Aos dez anos, uma

criança pode também conceber os primeiros elementos da geometria e adquirir algumas noções de física, de química e de história natural; de modo que aos 18 anos, ela teria consagrado quase 10 anos a essas ciências, e poderia conhecê-las perfeitamente bem, sem ter negligenciado as outras, o que lhe seria infinitamente mais aproveitável que ter passado o mesmo tempo aprendendo apenas um pouco de grego e de latim. Nada impede fazer avançar essas duas línguas com as outras ciências; mas seria preciso renunciar de qualquer forma ao velho método que lhes consagra exclusivamente oito ou dez anos; está comprovado hoje que se pode facilmente aprendê-las em três ou quatro anos, sem necessidade de um estudo especial. Mas se a instrução propriamente dita tem feito progressos desde algum tempo; se vemos todos os dias aparecerem novos métodos que têm por objetivo abreviar o estudo e o tornar mais agradável, apenas a educação particular tem proveito nisso, pois a educação pública tem sido até o presente, inseparável da rotina.

Tudo o que acabo de dizer relativamente ao sistema de estudos não se aplica às escolas especiais que reúnem, seguramente, todas as vantagens desejáveis, e nem aos recursos que a França e, sobretudo, Paris, oferecem para a instrução. Certamente, não perdemos nesse campo para nenhum outro país. A Escola Politécnica, a Escola de Minas, os cursos públicos dados pelos mais altos sábios, as bibliotecas, etc. oferecem aos jovens estudiosos mil meios de reparar o tempo que se lhes fizeram perder. Entretanto, apesar da importância dessas vantagens, elas estão longe de compensar os graves inconvenientes que resultam da insuficiência dos estudos clássicos, seja porque o número dos que podem aproveitá-las é de pouca monta, seja porque para aqueles que podem fazê-lo, falta a maior parte dos conhecimentos preliminares necessários, para tirar o maior fruto possível. Se passarmos do conjunto aos detalhes e sobretudo, ao método, veremos que as coisas são ainda piores. Colocar livros nas mãos das crianças e fazê-las aprender de cor, sem se inquietar se compreendem ou não, eis o método que se segue; assim questionai a maioria das crianças sobre o que sabem a fundo e ficareis espantados da nulidade de proveito que tiveram ou de forma bizarra que as coisas mais simples criaram em seus espíritos. A inteligência deve ser desenvolvida desde cedo, como a moral, e não é sobrecarregando a memória de

palavras que se alcança isso, mas enriquecendo a imaginação de idéias justas. As palavras vazias de sentido são no espírito o que são na terra os grãos estéreis; elas não produzem nada sem o conhecimento íntimo dos objetos que representam, pois esquecemos delas tão facilmente quanto as aprendemos. Se elas só tivessem o inconveniente de serem estéreis, haveria apenas um meio-mal; mas os resultados de um método que se dirige unicamente à memória não são incertos. Ocorre inevitavelmente uma dessas duas alternativas: ou a criança fica indiferente ao que aprende e contrai assim o hábito de uma espécie de leviandade que a torna superficial e muitas vezes inconseqüente, porque ela retém facilmente e sem duvidar, tanto um absurdo, quanto algo sensato; ou, o que é ainda pior, ela se faz idéias falsas, pois as idéias falsas vêm todas de uma concepção imperfeita.

Minha intenção não é entrar em todos os desenvolvimentos de que é passível este tema, o que me faria sair dos limites dessa exposição; mas devo examinar os inconvenientes que os sistemas de estudos comuns apresentam relativamente à educação moral. A criança pede para se ocupar; esta ocupação lhe é necessária; é preciso que seu espírito e, mais freqüentemente, seu corpo estejam em atividade. Esta atividade é uma necessidade para ela; querer reprimi-la é fazer uma violência à natureza. Se soubermos sempre fornecer os elementos para uma ocupação contínua evitaríamos que as crianças cometessem a maior parte das falhas que cometem, neutralizando as impressões perigosas, e destruiríamos freqüentemente aquelas que tivessem sido recebidas desde a primeira idade. É um talento particular saber ocupar uma criança; e não será um pedante, que acredita nada mais ter de fazer após ter dado a sua lição, que poderá compreender isso. Saber criar ocupações para as crianças é um dos pontos mais importantes da educação moral; mas é preciso que essas ocupações sejam ao mesmo tempo agradáveis e úteis; é preciso que possam se entregar a elas, por assim dizer, por sua própria atividade. Há duas espécies de ocupação: as do espírito e as do corpo, ou em outras palavras, o trabalho e os jogos. Relativamente às primeiras, se examinarmos a maneira com que se ocupam as crianças, veremos, de um lado, um sistema monótono e insípido e, do outro, um método árido e repugnante; nada de agradável ao espírito, nada que seja capaz de prendê-

lo. Assim, que resulta disso? O desgosto, e algumas vezes uma aversão insuperável ao trabalho, donde nascem a preguiça e todos os vícios que lhe são conseqüentes. Quantos jovens não vemos que se arrastam penosamente durante anos sobre os bancos escolares e que semelhantes aos rebanhos de gado que só vão à frente, empurrados pelo aguilhão, só andam à força de punições, ou pela isca que se lhes põe diante dos olhos, para atraí-los! Desde que uma criança saiba ler, e esta arte já lhe custou muitas lágrimas, o triste rudimento de latim emprega quase todos os seus momentos. Vêm em seguida, de manhã até a noite, os temas e as versões, e para variar, as versões e os temas, e isso durante dez anos. Deve-se admirar que uma criança, cujo espírito é continuamente tencionado em direção a um objeto que lhe desagrade, acabe por se entediar, quando ela se cansa até de seus jogos, se são muito longos? É de se espantar que ela tome horror por este objeto, quando ele se tornou para ela uma forma de suplício? É surpreendente enfim, que ela procure distrações que a conduzirão muitas vezes ao vício? Pois preciso notar que os hábitos perniciosos da juventude têm quase sempre sua origem na falta de ocupações convenientes, seja na educação particular, seja na educação pública. Digo ocupações convenientes, porque não é trabalho que falta nas instituições, mas esse com que os alunos são sobrecarregados e repulsivo; não lhes satisfaz a imaginação; não exerce em nada suas faculdades de observação; são palavras vazias de sentido com que suas cabeças são enchidas à força, mas que não os faz pensar. Além disso, o tédio logo as faz fugir; eles tentam escapar disso o quanto podem e uma hora de trabalho que consigam burlar é, para eles, uma hora de sorte. Entretanto, e muito mais fácil do que se pensa fazer as crianças amarem o trabalho; seu espírito é ávido por conhecimentos; elas testemunham por suas perguntas contínuas o desejo de se instruir; mas fechando os ouvidos à voz da natureza, que sempre e em tudo indica a estrada infalível, rejeita-se quando elas fazem uma pergunta; recusa-se a se lhes ensinar o que elas desejam saber; perde-se assim a ocasião mais favorável, em que seu espírito está disposto; enquanto se quer, ao contrário, ensinar lhes à força e de uma forma tão seca quanto entediante, aquilo cuja utilidade elas não sentem, aquilo que freqüentemente elas não compreendem, aquilo do que se lhes mostra apenas o lado mais desagradável, e ainda nos espantamos,

quando as crianças mostram pouca disposição para o estudo. Tornai-lhes agradável a ciência; colocai-a ao seu alcance; entrai em sua esfera e não procureis fazê-las entrar na vossa: tais são os meios de cativar sua atenção. O educador hábil sabe tirar partido das mínimas circunstâncias para fixá-la; ele não teme excitar de tempos em tempos sua alegria levando-as a uma pequena digressão, ao lado de uma explicação séria; há no tom com que fala, na maneira de lhes perguntar, alguma coisa que os prende, sem que percebam e sem violência. Tais são os princípios, segundo os quais me parece, a instrução deve ser orientada; eles encontram aplicação no ensino de todas as ciências e para todas as idades. Quanto que a homens feitos repugna ouvir um professor que ensina mal, quão maior não deve ser esta repugnância nas crianças! Não direi ciência, mas quanto mais talento é preciso para prender todas essas jovens cabeças, do que para instruir homens, que têm a vontade de aprender? Seguindo os princípios acima, obtém-se toda a atenção desejável, e sua boa vontade para o trabalho e às vezes tão grande quanto para a brincadeira. É o que a experiência me demonstrou, não em alguns indivíduos isolados, que poderiam ser exceção, mas em classes inteiras; e não quero outra prova senão esta que dou, de um fato de que se e testemunha diariamente: de que alguns alunos, que não fazem absolutamente nada com certos mestres, trabalham perfeitamente com outros, e no entanto, suas disposições não mudaram, mas sim a maneira com que se lidou com eles. O plano de instrução que proponho remediará todos esses inconvenientes, se fosse aplicado um método simples, claro, fácil, agradável e calculado, nos seus mínimos detalhes, sobre a natureza das operações do espírito. Sendo esse plano mais variado, oferece maiores atrativos; o espírito pode passar de uma coisa à outra e não terá tempo de se fatigar com o mesmo tema, tornando depois a ele com mais prazer. Se, ainda mais, como disse, aplicarmos um bom método; se falarmos à inteligência e não somente à memória, o espírito adquire o hábito da reflexão e da observação; ele sabe pensar e leva este hábito a toda a parte, mesmo nos jogos e brincadeiras; porque encontra aí freqüentemente a aplicação do que aprendeu; ele tira por si mesmo proveito de suas próprias observações, cada vez que encontra uma ocasião para isso; essas ocasiões se apresentam a cada instante e o educador hábil sabe aproveitar

delas e fazê-las aparecer.

Vede as crianças a quem foram dadas desde cedo idéias sobre história, história natural, física, química: estátuas, quadros, plantas, animais, os fenômenos de que são testemunha, uma simples pedra, tudo lhes interessa. Sua atenção está desperta e, por suas perguntas, provam o quanto se pode tirar partido de sua inteligência, quando se sabe lidar com ela convenientemente. Vede, ao contrário, essas crianças que se embruteceram sobre seus livros latinos e que viram apenas isso: são estranhas a tudo que as cerca; nada lhes interessa, porque nada compreendem; sua curiosidade não está estimulada; mas falai-lhes de algum fenômeno da natureza, explicai-lhes um fato histórico, logo sua inteligência parece sair de um sono letárgico; elas vos escutarão com avidez; suas reflexões, suas perguntas parecem vos dizer: não pedimos nada melhor do que nos instruímos, mas não nos aborreçais.

Um plano de instrução, concebido nesse sentido, não exclui os estudos sérios, como certas pessoas poderiam acreditar; muito ao contrário, os favorece, porque ele habitua a criança a pensar e a sondar as coisas a fundo. Vi crianças, instruídas desde muito cedo segundo esse plano, terem aos doze anos uma precisão de raciocínio de que muitos jovens de 18 ou 20 anos não são capazes, e ainda em condições de ouvirem as explicações mais profundas. Concluo pois que um plano de instrução, que oferecesse maior variedade e maior satisfação, apresentaria entre outras vantagens: 1º a de apressar o progresso, ao fazer as crianças trabalharem com mais prazer; 2º a de fazer crescer nelas a força do raciocínio, dando-lhes desde cedo o hábito da reflexão, e de tornar em consequência seu espírito mais acessível aos estudos sérios; 3º a de que seria mais em harmonia com as necessidades da sociedade, na medida em que prepararia realmente para todas as carreiras, que as vicissitudes da fortuna podem forçar alguém a abraçar; 4º a de que se estaria em melhores condições de julgar a vocação de um jovem, observando em que direção suas faculdades intelectuais parecem se orientar, o que não se pode fazer quando se tem um objeto único de estudos; 5º a de contribuir essencialmente ao sucesso da educação moral, fornecendo ao espírito os elementos de ocupações úteis e agradáveis. Entre os graves inconvenientes do plano seguido atualmente, devem-se citar os seguintes: a maior parte dos jovens, entediados por dez

anos de estudos áridos, só aspiram a sacudir o jugo que se tentou, por assim dizer, tornar o mais pesado possível e, livres então, eles se entregam ao arrebatamento de suas paixões, porque há poucos que preferam repassar Virgílio e Horácio, que lhes fizeram bocejar por tanto tempo, aos frívolos prazeres oferecidos pelo mundo.

A idéia falsa que se faz da educação, e a convicção que se tem de que ela se limita à instrução, fez com que se negligenciasse tudo o que fosse estranho a esta última. Não se refletiu que a educação se compõe de todos os instantes da vida, pois a toda hora a criança pode receber impressões. Assim que aprendeu sua lição, abandona-se a ela mesma, como se o resto do seu tempo devesse ser necessariamente perdido. Esse engano, que tem inconvenientes muito graves na educação particular, tem outros ainda piores na educação pública, onde, pela reunião de um grande número de crianças, elas se arrastam mutuamente, se não têm ocupações bem determinadas. O emprego do tempo, que as crianças têm fora do estudo, é pois uma coisa muito importante. Se, por uma sábia combinação, consegue-se criar ocupações agradáveis e contínuas da manhã à noite, exercitando-se alternadamente seu corpo e seu espírito, destroem-se os efeitos das más impressões, que passam então a ter um acesso bem mais difícil, e previne-se do mal a que a ociosidade conduz.

Certamente; é inútil insistir nas conseqüências funestas de hábitos perniciosos que causam tanto dano entre as crianças; todo mundo os deplora, mas que eu saiba até agora os meios de preveni-los não foram objeto de pesquisas tão sérias quanto exigira o assunto. De tudo o que se propôs, do meu conhecimento, não há nada que remedie o mal de uma forma satisfatória. São apenas paliativos acidentais ou prejudiciais, usados freqüentemente quando o mal já fez progressos incuráveis. Para cortá-lo pela raiz, é preciso procurar suas causas, a fim de destruí-las. Esses meios fazem parte, como já disse, dos estudos pedagógicos, e embora não possa aqui desenvolvê-los completamente, creio no entanto dever mostrar sobre que bases eles repousam.

Esses hábitos são adquiridos às vezes espontaneamente quando o temperamento se desenvolve cedo; o mais freqüentemente, porém, se dá pela comunicação, seja nas casas particulares, pelos empregados ou por outras pessoas, seja nas pensões, pela freqüência de jovens corrompidos.

Em todo o caso, a primeira coisa a fazer é sem dúvida afastar as pessoas suspeitas e exercer uma vigilância bastante minuciosa; mas como acontece muitas vezes que apesar de todas as precauções possíveis, uma criança pode ter relações perigosas, em casa ou fora, ou que a vigilância venha a faltar, o único meio realmente eficaz é fornecer elementos a uma ocupação contínua, seja do espírito, seja do corpo; pois a ociosidade é a causa primeira deste vício. Por esta ocupação, evitam-se as ocasiões de comunicação, previne-se até mesmo o pensamento do mal, e então não há nada a temer para os instantes em que as precauções da vigilância possam faltar. Fornecei, assim, elementos de atividade ao espírito e ao corpo e destruireis o princípio. Ora, se examinarmos a situação das crianças, seja quando estão com seus pais, seja nas instituições, veremos que tudo é apropriado para arrastá-las ao vício. Ao lado dos pais, uma vida extremamente mole, sem atividade, sem energia, sem obrigações regradas e obrigatórias; ocasiões contínuas de escapar à vigilância e uma alimentação suculenta. Nas instituições, as ocupações são bem regradas, mas são insípidas e o aborrecimento do trabalho as conduz ao vício muito mais do que qualquer outra coisa; é durante os longos e entediados estudos que se entregam a ele, e desde que adquiriram o hábito, aproveitam de todos os instantes possíveis. Nas recreações, abandonadas, por assim dizer, a si próprias, não tendo outra ocupação senão as que criam maquinalmente em jogos inúteis e prejudiciais, com uma vigilância que freqüentemente não é bastante minuciosa e às vezes tornada difícil por uma disposição local pouco favorável, enfim com um sistema de instrução, que não enriquece o espírito de maneira a lhe fornecer assuntos para pensar em coisa úteis e agradáveis. Entretanto, se é nas instituições que as crianças encontram ocasião de se perder, é nelas também que se pode mais facilmente encontrar o remédio para o mal, se todavia quisermos nos dar ao trabalho de fazer o que é preciso para isso. Encontradas as bases desse remédio, nada resta se não tirar partido dele: ocupações bem regradas, uma alimentação simples e todos os elementos de uma vida ativa. Seria apenas necessário dirigir a instrução de maneira a que ela apresentasse prazer à criança e preenchesse mais seu espírito de idéias interessantes; fornecer elementos às ocupações de lazer; dispor os locais de maneira a facilitar e forçar a vigilância; organizar as ocupações

físicas de maneira a fortificar o corpo e tornar o repouso necessário. Seria necessário, além disso, outras tantas precauções bastante minuciosas e que não deixam de ser extremamente importantes, mas não vou descrevê-las aqui. Com isso, não apenas se previne desses hábitos, como poder-se-á muitas vezes destruí-los, se eles existem. Digo muitas vezes, porque quando estão demasiado enraizados, a cura apresenta maiores dificuldades e, nesse caso, nem os conselhos, nem as advertências, nem as ameaças, nem o terrível quadro de conseqüências, nada faz impressão sobre o espírito, ou pelo menos, o efeito é tão passageiro, que se apaga logo em seguida.

Se é importante orientar bem a educação dos homens, não o é menos cuidar da educação das mulheres. Sua influencia na sociedade, a primeira educação de que são encarregadas, devem merecer, neste aspecto, toda a atenção de um governo, que se ocupe realmente de assegurar a felicidade de uma nação. Sob o ponto de vista da instrução, a educação das mulheres é melhor que a dos homens. É raro se encontrar uma jovem de doze ou treze anos, bem educada, que não saiba bem sua língua, e às vezes uma língua estrangeira, a geografia, a história e o cálculo. Entretanto, parece que se esquece que elas devem ser antes de tudo esposas, mães e dirigentes do lar, e pensa-se apenas em lhes dar talentos, que podem fazê-las brilhar no mundo. Além dos conhecimentos que, em geral, fazem parte de sua instrução, por que são negligenciados aqueles que tem relação direta com as funções a que a natureza lhes destinou? A economia domestica prática e teórica, a administração de uma casa, o conhecimento perfeito dos deveres de mãe e de esposa e a arte de educar as crianças são os elementos mais importantes da educação das mulheres, e são esse que são, em toda parte, negligenciados. As mulheres são educadoras natas. Elas sozinhas são encarregadas da primeira educação, orientam as primeiras impressões, que todos os homens recebem, e são elas que presidem de alguma forma o seu destino. Como podem se desincumbir de um dever tão importante se não tem a instrução necessária? Eis por que considero o estudo da pedagogia tão importante para elas como para os educadores.

Imaginem-se os resultados que se obteriam se a educação de uma nação inteira pudesse ser orientada convenientemente, desde o berço até à

entrada no mundo, por pessoas hábeis. Quanto a sociedade não ganharia em muito pouco tempo! Não é, entretanto, uma coisa tão difícil de executar, e não creio que essa seja uma idéia quimérica, nem o sonho de um sistemático. Se as mulheres conhecessem a arte de educar a juventude, não somente orientariam convenientemente a educação da primeira infância; mas seriam capazes de zelar pela educação ulterior; não seriam assim tão freqüentemente enganadas por seus próprios preconceitos e pelo charlatanismo.

No plano, que acabo de traçar, procurei não emitir nenhum princípio sistemático que pudesse tornar sua execução difícil. Se eu quisesse estabelecê-lo nas circunstâncias mais favoráveis, teria tomado dez ou doze crianças da mesma idade e da mesma inteligência, orientadas por um preceptor inteiramente devotado, que sacrificaria sua própria existência aos alunos, que não os perderia de vista, noite e dia. Teria suposto pais bastante ricos para fazer por essas dez crianças as despesas que se fariam por 60, e bastante esclarecidos para fazê-las com discernimento e utilidade. Teria suposto este pequeno estabelecimento não em Paris, mas numa bela região, onde as satisfações da vida campestre seriam unidas às ocupações sérias. Teria prescrito dar aulas de história natural no campo, de instruí-los em conversações, durante passeios. Teria aconselhado o educador fazer seus alunos viajarem, para estudarem, eles próprios, os costumes dos povos e visitar os lugares históricos. Teria, sobretudo, suposto esse educador perfeitamente livre de toda a influência exterior e podendo agir, sem se contrariado por quem quer que seja. Seria, certamente, um belíssimo plano, mas que conviria a uma família, entre mil. É preciso falar para a massa e não para os indivíduos que são de alguma forma uma exceção. Eis por que me detive mais no que concerne à educação pública do que à educação particular, e não creio emitir nenhum ponto de vista que não seja facilmente praticável; é isto o que me demonstrou uma experiência de dez anos e os resultados obtidos por homens notáveis, que consagraram suas vidas à melhora da educação. A condição mais essencial, na minha opinião, aquela de que se jamais ocupou, é o estudo da pedagogia; esta responde de alguma forma a todas as necessidades, porque quando tivermos educadores instruídos na arte que praticam, os abusos cessarão, os métodos se aperfeiçoarão e as

instituições reunirão em breve todas as condições indispensáveis a uma boa educação.

Terminarei esse breve apanhado, expondo sucintamente o plano de estudos que proponho, e que me parece, segundo a experiência que adquiri, reunir as vantagens desejáveis. Procurei fazê-lo concordar o mais possível com o plano comum, para oferecer menores dificuldades ao seu estabelecimento. Conservo a divisão em oito séries, que abarcam os estudos clássicos propriamente ditos. São precedidas pelos estudos elementares que compreendem a leitura, a escrita, os elementos de cálculo de cabeça e um grande número de exercícios sobre os nomes, as propriedades e o uso dos objetos circundantes, próprios a desenvolver a inteligência da criança, habituando-a a refletir e a fixar sua atenção. São seguidas de estudos especiais próprios à carreira que se deva abraçar; mas não me ocuparei dessas últimas. Os estudos clássicos começam, em média, aos oito anos.

A oitava série

1º O aperfeiçoamento da leitura e da escrita.

2º A geografia moderna.

3º Os elementos do cálculo.

4º As primeiras noções da língua francesa, incluindo a explicação de autores franceses.

5º O desenho linear.

Esta explicação de autores franceses consiste numa série de obras francesas, escolhidas pelo estilo e graduadas para a inteligência, de que se explica ou faz-se o aluno explicar, todos os termos que lhe são estranhos, todas as expressões figuradas, todas as inversões; e sobre as quais se dá todos os desenvolvimentos históricos, mitológicos, geográficos e literários possíveis e que estejam ao alcance de seu entendimento; de maneira que ele deve, por assim dizer, se identificar com o pensamento do autor. Essas obras servem também de texto para os exercícios práticos de língua francesa e para os exercícios de memória. As principais vantagens destas explicações são: 1º habituar a criança a refletir sobre o que lê; 2º enriquecer seu espírito com um grande número de idéias; 3º familiarizá-

la, durante todo o curso de sua educação, com um estilo puro e correto e com os pensamentos engenhosos de nossos grandes escritores; 4º servir de introdução prática a um curso de literatura francesa. Nada é mais próprio a formar o gosto e o estilo, e dou tal importância a esses exercícios que não hesito em colocá-los na primeira linha. Eles são para nossa língua o que os autores latinos são para o latim. A escolha desses autores é bastante difícil para a oitava série, porque os modelos de estilo estão acima do alcance desta idade. É preciso, pois, escolher os que são mais instrutivos e mais interessantes ao mesmo tempo, a fim de habituar a criança a fixar a atenção sobre o que lê. As escolhas de viagens, a descoberta da América, Robinson e outros semelhantes, podem preencher este objeto; mas de forma alguma fábulas, pois é ridículo colocá-las, nesta idade, entre as mãos de crianças, quando muitas vezes, aos vinte anos, tem-se dificuldade de compreendê-las:

Sétima série

- 1º Continuação do aperfeiçoamento da leitura e da escrita.
- 2º Continuação da geografia moderna. Geografia antiga.
- 3º História antiga.
- 4º Continuação da aritmética.
- 5º Continuação da língua francesa. Autores: resumo da história da Antigüidade romana; costumes gauleses; resumo da vida dos homens ilustres de Roma.
- 6º Desenho linear.

Sexta série

- 1º Leitura regular.
- 2º Geografia especial antiga, moderna e da idade média.
- 3º Continuação da história antiga; história moderna.
- 4º Continuação da aritmética.
- 5º Elementos de geometria.
- 6º Continuação da língua francesa. Autores: Numa; história de Henrique o grande; fábulas de Floriano; Ruth; Tobias; a Abelha do Parnaso.

- 7° Noções elementares de física, de química e de história natural.
- 8° Desenho linear.

Quinta série

- 1° Leitura regular.
- 2° História especial antiga, moderna e da idade média.
- 3° Fim da aritmética.
- 4° Continuação da geometria.
- 5° Continuação da língua francesa. Autores: trechos escolhidos de Buffon; Telêmaco; a Henriáda; Fábulas de La Fontaine; Manual epistolar de Philipon de La Madeleine
- 6° Continuação das noções de Física, etc.
- 7° Língua latina e grega, ou língua inglesa, alemã e espanhola.

Se faço começar as línguas antigas apenas nessa série, é primeiro para que o aluno esteja forte em todos os conhecimentos preparatórios que devem lhe facilitar o entendimento dos autores; em segundo lugar, porque estou convencido, por experiência, que o resto dos estudos clássicos basta amplamente para conhecê-los mais profundamente do que são conhecidos em geral, e sem lhes consagrar um tempo exclusivo; mas seguindo um outro método que não a longa e entediante rotina. Aqueles que não seguirem esse estudo, o substituirão pelas línguas vivas, e poderão prosseguir os outros estudos clássicos por tanto tempo quanto lhes seja necessário.

Quarta série

- 1° Leitura oratória.
- 2° Elementos de álgebra.
- 3° Continuação da geometria.
- 4° Estudo especial das dificuldades da língua francesa. Autores: belezas de Racine; obras escolhidas de J.B. Rousseau; belezas de Corneille; Caracteres de La Bruyère; trechos escolhidos de Massillon.
- 5° Línguas grega e latina e línguas vivas.

6ºCurso regular de física experimental e química.

7º Elementos de mecânica.

Terceira série

1ºLeitura oratória.

2ºContinuação da álgebra.

3ºFim da geometria.

4ºContinuação das línguas grega e latina ou das línguas vivas.

5ºLiteratura francesa e continuação da explicação dos escritores franceses; obras escolhidas de Boileau; Arte poética; Orações fúnebres de Bossuet; Orações fúnebres de Fléchier; a Eneida e as Geórgicas, traduções comparadas com o texto latino.

6ºContinuação dos cursos de física e de química.

7ºContinuação da mecânica.

Segunda série

1ºLeitura oratória.

2ºContinuação da álgebra.

3ºElementos de trigonometria e aplicação da álgebra na geometria.

4ºFísica, química e mecânica aplicadas às artes.

5ºContinuação das línguas grega e latina ou das línguas vivas.

6ºAlta literatura francesa e comparação dos autores antigos ou modernos com as principais traduções.

Primeira série

1º Leitura oratória.

Se faço prosseguir a leitura em todas as séries, não é porque uma criança não possa sabe ler perfeitamente aos dez ou aos doze anos de idade, mas porque a leitura oratória exige um desenvolvimento de idéias e de sentimentos, que só se pode adquirir com a idade.

2º Primeira aplicação da matemática à física, à química e à astronomia.

3º Revisão mais profunda e mais filosófica do curso de história e de

geografia; leitura e comparação das principais obras sobre história.

4º Comparação das literaturas francesa, latina e grega, ou das literaturas estrangeiras modernas.

Série de Filosofia

Primeiro ano: Estudo e comparação crítica de todos os sistemas de filosofia e das principais obras, escritas sobre esta matéria.

Segundo ano: Revisão geral e rápida de todas as matérias vistas durante o decorrer dos estudos.

Indiquei aqui apenas sumariamente os objetos de estudo das diferentes séries, sem me preocupar em especificar a quantidade de matéria que se deve ver em cada uma. Quis apenas dar uma idéia do plano, que creio adequado para responder às necessidades dos indivíduos e das sociedades. Com efeito, que se compare o grau de instrução de dois jovens instruídos, um, segundo esse plano, outro, segundo o plano comum, obrigados ambos a gerar seus próprios recursos, pergunto, qual dos dois terá maiores meios à sua disposição? Qual saberá tirar melhor partido das circunstâncias que se apresentarão? Qual terá mais chances de progresso nos empregos? Suponho ainda que sejam ambos obrigados a suspender o curso de seus estudos por algum desses acontecimentos, infelizmente, bastante comuns, qual dos dois ficará menos embaraçado? A resposta não deixa dúvidas. Resta saber se a aliança de todos esses gêneros de estudo é possível, e se não é absolutamente indispensável consagrar exclusivamente dez anos às línguas mortas; mas creio esse problema resolvido há muito tempo.

Acrescentarei uma última observação, cuja importância se sente diariamente, e que muitas pessoas fizeram antes de mim; é relativa à obrigação em que se vêem todos os diretores de escola de levar seus alunos para os cursos dos colégios. Esta obrigação é muito prejudicial ao progresso da forma da instrução; pois os educadores são forçados, a contragosto, a seguir a rotina. Ela está ainda em oposição direta à promessa feita de se dar inteira liberdade e igual proteção a todas as formas de ensino; esta promessa se torna por esse fator totalmente

ilusória; é nisso que, sem dúvida, não se refletiu. Seria necessário que o envio ao colégio fosse facultativo, o que permitiria a cada um colocar seus objetivos em execução. Dir-se-á, sem dúvida, que esta obrigação lhes é imposta para assegurar o sucesso dos estudos, visto que nos colégios, eles são mais cuidados do que podem ser em instituições particulares, e para estimular a emulação ao mais alto grau.

Respondendo à primeira objeção, os diretores de escola que se incumbissem inteiramente da instrução estariam muito mais interessados em zelar por ela, se tivessem maior responsabilidade. Por outro lado, uma coisa que impede essencialmente o sucesso nos estudos da generalidade dos jovens, é, além do vício do método, o grande número dos que participam numa mesma classe, o que coloca o professor na impossibilidade absoluta de prestar assistência individual; também está bem reconhecido e afirmado, pelos próprios professores, que sobre cem, há quando muito dez, que têm sucesso e que se olha por esses, em detrimento dos outros; o resto vegeta e se desencoraja.

Relativamente à segunda objeção, observaria que a emulação é excitada, em geral, apenas entre os mais fortes; mas que os nove décimos ficam completamente desencorajados pela dificuldade que experimentam em superar a massa que se encontra diante deles, e nesse número, há muitos inteligentes; mas tendo o pensamento menos rápido ou menos memória, ficam atrás daqueles que têm muitas vezes menos boa vontade, porém mais facilidade. A emulação poderia continuar a ser estimulada, seja pela distribuição de prêmios em cada colégio; seja por um concurso geral, que deveria acontecer em cada academia, e a que seriam admitidos indistintamente aqueles que seguissem ou não o colégio. Para evitar uma afluência inútil, haveria examinadores encarregados de examinar os alunos, que lhes seriam apresentados pelos diretores de escola e pelos colégios, entre os quais, eles escolheriam os que pudessem ser admitidos, por sua instrução. Se houvesse a necessidade de evitar um acréscimo de despesas, ocasionadas pelo número de examinadores, poder-se-ia obrigar os alunos, que se apresentassem, a pagar um direito de exame.

Tal é o plano que proponho e que me parece próprio a preencher a lacuna, que existiu até agora na educação. Minha própria experiência, e a dos homens eminentes, cujos traços tenho a glória de seguir, me serviram

de guia; possa ele atender à meta a que me propus, meta que foi e será sempre objeto de constantes esforços de minha parte, numa carreira a que me consagrei inteiramente e por inclinação; possa esse fraco trabalho despertar a atenção sobre os vícios do nosso sistema de educação e provocar pesquisas com que sempre considerarei um dever contribuir, tanto quanto meus recursos me permitam!

Três coisas me parecem, pois, de uma necessidade absoluta para a melhora da educação em geral, seja qual for o modelo que se adote, e sejam quais forem as modificações que se julgue a propósito fazer no meu plano: 1º a organização de estudos especiais da arte da educação, ou dito de outra forma, o estabelecimento de escolas pedagógicas; 2º a mudança do plano de estudos clássicos; 3º a abolição da obrigação dos diretores de escola de conduzir seus alunos aos cursos dos colégios reais. Se forem contornadas essas três dificuldades, a educação fará, não tenho dúvidas, os progressos mais rápidos.